

THE BIGGEST SMALLEST CULTURAL PLATFORM

MECAJournal

Distribuição gratuita

Número #021 — Junho, 2018



UMA VOZ DE RESPEITO

Musa da música pop e convidada especial do MECAInhotim, Pablo Vittar carrega no corpo e na voz um manifesto por liberdade.

pág. 13

AS NOVAS CORES DO QUEER

ESPECIAL — Para celebrar o mês internacional do orgulho LGBTQ+, o MECA traz uma série de conteúdos dedicados à diversidade sexual — *pág. 14*



SÓ AS RAINHAS

A multiartista Glamour Garcia indica 04 clubes para assistir a performances de drag queens em SP — *pág. 05*

MECAInhotim:
um guia com todos os
shows que vão rolar no
festival de 2018
pág. 09

OS “IMPERFECCIONISTAS”

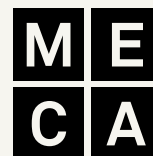
TRENDS — Em parceria com a WGSN, o MECA mapeia, em uma série de matérias e talks, as tendências do comportamento contemporâneo — *pág. 08*



⊕ MECAINTRO:
DAVID
GALASSE

⊕ MECARADAR:
07 ARTISTAS
PARA FICAR
DE OLHO

⊕ FESTIVAIS
DE VERÃO



AS NOVAS CORES LGBTQ+

Ocupando as mais diversas áreas da cultura, artistas queer transcendem narrativas estigmatizadas e passam a explorar na arte as diferentes complexidades e vivências pessoais. O repórter *Helder Ferreira* mapeou grandes nomes à frente da efervescente cena queer no Brasil e no mundo



Há pouco menos de um ano, Luca Weingärtner e Guilherme Lourenço decidiram agir. Insatisfeitos com a incipiente cobertura feita pela grande imprensa da efervescente produção artística LGBTQ+, eles juntaram amigos, fotógrafos, stylists, jornalistas e produtores para criar uma publicação: a *Fearless Mag*, uma revista feita por LGBTQ+ para LGBTQ+, a fim de documentar e analisar a cena queer. “Estamos presenciando um ponto de mudança no universo criativo LGBTQ+”, alerta Luca.

Para ele, a produção contemporânea adota uma nova narrativa, em que não ser heterossexual e/ou cisgênero deixa de ser estigma e se torna característica. E essa transformação, ele afirma, é mais ní-

tida na cena musical, que está na vanguarda da discussão sobre a existência LGBTQ+ — capitaneada por nomes como Rico Dalassam, Liniker, Johnny Hooker e a multiartista paulistana Linn da Quebrada. “Acredito que o nome dela ficará marcado para sempre na história da arte LGBTQ+, se tornando nosso primeiro ícone humano”, aposta o editor-chefe da *Fearless*. E ele não é o único.

Os cineastas Kiko Goifman e Claudia Priscilla também viram em Linn, autointitulada “terrorista de gênero”, e em seu trabalho um paradigma na discussão do corpo e da transgêneridade. Decidiram, então, fazer um filme com ela.

Intitulado “Bixa Travesty”, mesmo nome de uma das canções da compositora, o

filme foi premiado como melhor documentário LGBTQ+ no Festival de Berlim deste ano, ao lado de “Tinta Bruta”, outra produção brasileira vencedora do prêmio de melhor ficção com a mesma temática. Segundo a dupla de cineastas, o mérito é de todos: “Linn participou de todas as etapas do filme, do roteiro à montagem. Ela usa a música como forma de relatar sua vida e o filme foi uma nova ferramenta de expressão artística”, explica. A cantora concorda e conta que utilizou o filme como um processo de escavação de sua própria identidade. “Do meu papel e do meu corpo, pra mim mesma”, relata. “Foi um processo muito intenso de descobertas, um processo muito vivo.”

É justamente esta aproximação entre

arte e vida que faz a performer mineira Ana Luisa Santos, indicada ao Prêmio PIPA de artes visuais em 2017, se interessar pela expressão queer. “O queer não é só uma temática, mas uma estratégia política, de intervenção, de resistência e de invenção de novas linguagens”, explica a artista. “É um questionamento da sociedade como um todo, dos grandes setores de produção de conhecimento, de uma maneira muito atrelada a um texto que separou arte e vida. Como se arte fosse uma coisa e vida fosse outra. Um dos questionamentos mais interessantes das produções artísticas queer é aproximar arte e vida”, conclui Ana Luisa.

A experiência pessoal é também uma das forças motrizes do trabalho do dra-

maturo Ronaldo Serruya. O fato de não encontrar narrativas com as quais pudesse se identificar dentro da produção teatral brasileira foi o que o levou a criar, junto com outros três artistas, o Teatro Kunyn. Fundado em 2009, o coletivo volta sua atenção na desconstrução de estereótipos caricatos de gênero e sexualidade, tendo como recorte a homossexualidade masculina. “Na época, eu não conseguia encontrar na dramaturgia uma representatividade dessa figura homossexual que não fosse por um viés marginalizante ou caricatural”, relembra.

Também não é marginalizante ou caricatural o modo como a homossexualidade é representada na peça “Música Para Cortar os Pulsos”, que, em 2019, vai virar um filme pelas mãos do autor e diretor Rafael Gomes. “Quero que qualquer um entre no cinema e se envolva com a história, sem problematizar se o protagonista é gay ou hétero”, contemporiza Rafael. “Por outro lado, acho belo e potente que o público LGBTQ+ saiba que vai se ver refletido e representado, ou parcialmente representado. E que possa dizer ‘esse filme é nosso’”, afirma.

Com a mesma intenção expansiva, a escritora Natalia Borges Polesso defende o uso político da classificação LGBTQ+, mas sem que ela incorra em reducionismo da obra em si. “Quería representar pessoas completas e não sexualidades dissidentes”, explica a autora de “Amora” — livro de contos protagonizados por personagens lésbicas, vencedor do Prêmio Jabuti de Literatura em 2016. No entanto, ela acredita que as nomenclaturas ainda são inevitáveis. “Enquanto nosso pensamento social for dominado pela heteronormatividade e a gente precisar reivindicar presença, os rótulos ainda precisarão existir. Mas isso não deve, em absoluto, diminuir nossa literatura”, complementa a escritora.

Além do potencial criativo em efervescência no Brasil, que reflete a mesma ebulição do cenário mundial, a produção artística queer nacional pede por transformação social e resistência. O sucesso e a explosão de artistas como Pablo Vittar, no mainstream da cultura pop, é dissonante em relação aos altos índices de mortes da população LGBTQ+ no país. Segundo a Anistia Internacional, um LGBTQ+ é morto a cada 19 horas, fazendo o Brasil liderar tais estatísticas em todo o mundo.

Para a filósofa Marcia Tiburi, podemos estar diante de um fenômeno de dissociação de consciência, uma dificuldade em estabelecer nexos. “É a incapacidade de perceber que a admiração que se tem por uma artista trans ou travesti deveria ser extensiva às pessoas trans e travestis, mesmo quando não são artistas”, explica a intelectual. “Sentimentos de amor e ódio aparecem misturados em uma sociedade sadomasoquista. E esse é um dos nossos maiores problemas como sociedade. De um ponto de vista social, significa amar quem é considerado superior e odiar quem é considerado inferior. Talvez seja isso o que acontece no Brasil atual”, alerta Tiburi.

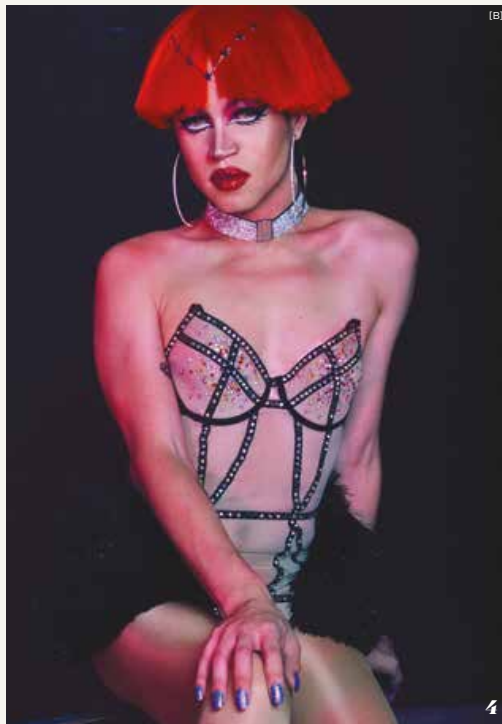
E talvez seja esse o grande desafio dessa nova cena criativa: transformar a sociedade, construindo um novo olhar de valorização da população LGBTQ+ para além da classe artística. ◇



2



3



(B)

No mundo

5 artistas queers internacionais para manter no radar

× Xavier Dolan

O jovem ator e cineasta canadense tem mais de seis filmes lançados em menos de uma década de carreira. Um deles é o longa “Lawrence Anyways”, que narra o processo de transição de um professor de inglês. [@xavierdolan](#)

× Anohni

Antes conhecida como Antony Hegarty, Anohni é uma cantora e compositora trans, líder da banda americana Antony and The Johnsons. [@anohni](#)

× Zanele Muholi

A ativista visual sul-africana fotografa mulheres negras, lésbicas e trans. É criadora da plataforma de conteúdo Inkanyiso, voltada para a comunidade negra e LGBTQ. [@muholizanele](#)

× Maggie Nelson

Autora do livro de não-ficção “Argonautas”, a americana aborda o queer ao compartilhar as transformações em seu corpo durante a gravidez e as mudanças no corpo de seu parceiro, Harry, durante a transição hormonal. [grupo autentica.com.br](#)

× Fernando Belfiore

O coreógrafo brasileiro, radicado em Amsterdam, dialoga com estéticas queer e ciborgue em suas performances. [@fernandobelfiore](#)

- 1, 4 e 9 – Fotos de ensaios de moda da Fearless Mag
 2 – A artista Ana Luisa Santos na fotoperformance “Inflamável”
 3 – Paulo Arcuri e Ronaldo Serruya em cena de “Desmesura”, peça do Teatro Kunyn escrita pelo dramaturgo belenense
 5 e 6 – A filósofa Marcia Tiburi e a escritora Natalia Polesso
 7 – A multiartista Linn da Quebrada em cena de “Bixa Travesty”, dos cineastas Kiko Goifman e Claudia Priscilla
 8 – Os atores Victor Mendes e Caio Horowicz em cena do filme “Música Para Cortar os Pulsos”, do diretor Rafael Gomes



7



8



(E)

O “Q” da questão

O porquê de usarmos a sigla “LGBTQ+”

Teorizado por pensadores como Judith Butler, o termo “queer” compreende narrativas fora das normas tradicionais. Originalmente, a palavra inglesa significa “esquisito” e já foi usada pejorativamente para ofender a comunidade LGBT. Hoje, o termo foi ressignificado e é empregado como

palavra de força e orgulho, borrando e expandindo fronteiras. Portanto, em nossa linha editorial, somamos o Q+ à sigla LGBT para abraçar um conceito contemporâneo mais abrangente. Algumas literaturas já utilizam o “I” (de intersexo) e o “A” (de assexuais). Nós acreditamos que o Q+ contém essas e outras experiências.